



“Educação como prática de Liberdade”:
cartas da Amazônia para o mundo!

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ (UFPA)
SET-OUT 2021

ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

9988 - Resumo Expandido - Trabalho - 40ª Reunião Nacional da ANPEd (2021)

ISSN: 2447-2808

GT16 - Educação e Comunicação

AS TRILHAS PERCORRIDAS POR DOCENTES DA EDUCAÇÃO INFANTIL NA PANDEMIA: ENTRE MEIOS, PRODUÇÕES E MEDIAÇÕES

Monica Fantin - UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA

Lizyane Francisca Silva dos Santos - PREFEITURA MUNICIPAL DE FLORIANÓPOLIS
Agência e/ou Instituição Financiadora: UFSC

AS TRILHAS PERCORRIDAS POR DOCENTES DA EDUCAÇÃO INFANTIL NA PANDEMIA: ENTRE MEIOS, PRODUÇÕES E MEDIAÇÕES

O artigo tem como objetivo refletir sobre as mudanças do cenário da educação de crianças diante da pandemia Covid-19, que exigiu novas práticas educativas através do ensino remoto. A reflexão parte de uma pesquisa de mestrado sobre a importância das produções culturais entre as crianças na perspectiva do hibridismo cultural, das múltiplas linguagens, da ampliação de repertórios infantis e da mediação educativa, desenvolvida entre 2018/2020. Fundamentada em referenciais teóricos dos estudos da infância, da cultura e da mídia-educação, a pesquisa envolveu uma etapa empírica, com aplicação de questionários e realização de rodas de conversa com professores da Educação Infantil (EI) da Rede Municipal de Ensino de Florianópolis/SC para um mapeamento das práticas pedagógicas, antes e durante a pandemia. Destaca-se a importância da apropriação e uso das tecnologias digitais por professores da EI em uma perspectiva mídia-educativa, e de mediações que possibilitem uma participação ativa, criativa e crítica das crianças e seus familiares em uma constante ampliação de repertórios culturais no processo educativo, de modo a enriquecer as vivências das crianças para além do âmbito escolar.

Palavras-chave: Cultura digital. Crianças. Práticas pedagógicas. Educação Infantil. Pandemia.

1. Ponto de partida

Ao escolher o verbo trilhar para fazer uma analogia sobre os caminhos percorridos pelas docentes da educação infantil nesta pandemia, buscamos demonstrar os percursos que estão sendo “desenhados” ao longo do que é vivido neste momento histórico. Escolher qual caminho se quer seguir na atual conjuntura não está sendo fácil para os docentes, que inesperadamente tiveram que buscar novas formas de ensinar e aprender, o que envolveu apropriações, desafios e superações na construção de novas relações com/atraves das mídias e tecnologias.

Propostas educativas no âmbito da cultura digital num contexto em que cerca de 30% dos domicílios[1] não tem acesso à banda larga de internet e a escassa presença de equipamentos tecnológicos para seus profissionais, acentua ainda mais as desigualdades sociais. E em meio a uma crise global que combina fatores sanitários, políticos, econômicos, educacionais, culturais, Pretto, Bonilla e Sena (2020) destacam o desafio da sociedade brasileira diante da falta de efetividade do Estado nas ações de proteção à vida, agravada por conflitos políticos e estruturas fragilizadas.

O contexto de emergência sanitária e educacional levou os docentes a refletir sobre o direito à educação das crianças e a manutenção de vínculos, além de construir novas práticas, modificar métodos de ensino, produzir conteúdos midiáticos e propor novas mediações para as aprendizagens. Tal processo gerou, para a maioria dos profissionais, sobrecarga de trabalho e desgaste emocional em relação às cobranças de todas as partes diante da responsabilidade de, nem sempre, alcançar as crianças da forma desejada.

Tais constatações surgem de um diálogo com 68 professoras de EI de uma rede pública, que participaram de uma pesquisa empírica realizada em dois momentos: 1) aplicação de um questionário online (QO) que mapeou suas práticas pedagógicas em agosto de 2019; 2) duas rodas de conversa (RC) online em junho de 2020 sobre as propostas de atividades e produções culturais no cotidiano institucional, incluindo questões sobre o trabalho remoto desenvolvido naquele momento, para melhor compreender os contextos e as demandas desencadeadas no fazer educativo com crianças.

2. Um mapeamento inicial das mídias na prática pedagógica da educação infantil

A partir do pressuposto que as mídias eletrônicas e digitais assumem um papel cada vez mais relevante nas experiências culturais da infância contemporânea, é fundamental preparar as crianças para lidar com a diversidade de tais experiências, pois a “sociedade multitela” redefine os meios e as práticas de apropriação do saber com todos os riscos e potencialidades que tal realidade implica. Para tal, há que investigar as práticas pedagógicas, os repertórios e as mediações propostas no espaço da EI a partir de diferentes olhares e do diálogo com as professoras.

Referências dos estudos da infância (BARBOSA, 2007), da cultura (CERTEAU, 2012) e da mídia-educação (BUCKINGHAM, 2007, RIVOLTELLA, 2012, FANTIN; GIRARDELLO, 2019), nos ajudam a entender as articulações entre esses campos bem como a problematizar as práticas pedagógicas evidenciadas no mapeamento realizado com as professoras da EI da Rede Municipal de Ensino de Florianópolis. Situamos alguns dados da pesquisa e as narrativas docentes em diálogo com as referências.

Em 2019, 86,8% das professoras que participaram da pesquisa disseram utilizar computador, internet, celular, televisão, câmera e outras mídias eletrônicas e digitais com as crianças com uma frequência semanal, com uso diário para registro de outras atividades e também para o uso pessoal. Naquele momento elas buscavam estratégias para articular saberes e mediações tecnológicas com as crianças, ainda que por vezes a cultura midiática tenha sido vista como “ilegítima” no contexto da educação infantil (BARBOSA, 2007), o que ainda gera polêmicas.

Entre as propostas o uso das mídias evidenciava distintas dimensões: espaço de aquisição de conhecimentos, para esclarecer dúvidas/curiosidades infantis através das

pesquisas na rede; aproximando crianças da linguagem oral e escrita; recurso para escutar músicas, dança, assistir a filmes/desenhos e a outras produções audiovisuais e como apoio ao registro das docentes. Os usos intencionais presentes nos planejamentos se alternavam entre mecânicos casuais e simplificados para “ocupar as crianças ociosas” em certos momentos da rotina. É importante questionar a respeito, pois a ausência de planejamento dificulta a ampliação dos repertórios infantis e propostas de uma educação “com, para, através” das mídias (RIVOLTELLA, 2012).

A esse respeito, a maioria das professoras reclamou da inexistência e precariedade dos artefatos tecnológicos, pois não há uma política de manutenção, e profissionais qualificados para tais usos, além da dificuldade de conexão e/ou indisponibilidade de banda larga de qualidade nas escolas, o que praticamente impossibilita propostas no âmbito da cultura digital com as crianças: “em minha Unidade Educativa as mídias demandam um planejamento com muita antecedência e um pouco de sorte. Isso porque é uma Instituição com 20 grupos e poucos recursos. Muitos, inclusive, obsoletos. Quando (...) são necessários um complemento audiovisual, por vezes, uso o celular, o notebook e o Datashow(I. C. S., QO, 2019).

Apesar das dificuldades mencionadas, entre as propostas desenvolvidas com artefatos midiáticos antes da pandemia, há experiências de registros fotográficos ou audiovisuais feito por crianças na instituição ou nas saídas de campo, com posterior compartilhamento das produções, na perspectiva de ampliar as experiências com as múltiplas linguagens, como sugerem Fantin e Girardello (2019). Além do uso do Google Maps e Earth, chamadas pelo Skype, Snapchat para gravar vídeos, correspondência eletrônica entre instituições, registro em áudio de histórias, “dia de cinema” utilizando o projetor, “dia de fotos divertidas”. Propostas variadas de mediação pedagógica que considere “a possibilidade de se construir efetivamente uma educação midiática comprometida com a cidadania e a efetiva participação social dos indivíduos (PONTES, 2010, p. 89).

Os relatos demonstram a importância de ir além da dimensão do acesso pois uma mediação de qualidade implica em aprendizado constante e em políticas públicas que assegurem o acesso, a manutenção e a qualificação docente para o uso significativo dos artefatos por professores, crianças e pelo entorno educativo.

3. Uma pandemia no meio do caminho: modificando rumos, trilhas e práticas docentes

Na segunda parte da pesquisa, em 2020, as rodas de conversa online com as professoras pretendiam aprofundar certas experiências que emergiram na primeira etapa, e com a pandemia, foram incluídas questões sobre a docência de forma remota, pautando questões acerca da formação inicial e continuada, da infraestrutura/dificuldades das instituições, da necessidade de políticas públicas de uma educação para/com/através das mídias em todos os níveis de ensino.

Alguns relatos situam as condições objetivas de tal trabalho: *Na pandemia estamos fazendo todo um trabalho que não fomos formados para isso(...), eu tive apenas uma disciplina de mídias que não me ensinou isso, tive que aprender várias coisas, inclusive editar vídeos. Tivemos dificuldades na pandemia, com professores que não conseguem participar de uma reunião no whats, e a gente tinha que tentar dar um jeito pra todo mundo conseguir participar; outras têm dificuldades para gravar vídeos, a gente vai se ajudando, mas não temos esse suporte.* (I. S. S. O., RC, 2020).

Se antes da pandemia já se constava a dificuldade em relação aos dispositivos

mediáticos disponíveis nas instituições, a alternativa foi usar os seus próprios, que no período de isolamento social, tornou-se praticamente a única alternativa para se aproximar das crianças mediante a exigência do trabalho remoto. Houve também a preocupação de não privar as crianças deste contato mediado pelas tecnologias pois “não queremos deixar ninguém para trás nem ampliar ainda mais as desigualdades sociais” era/é um argumento importante. As professoras mencionaram muitas discussões a respeito do que enviar às crianças e suas famílias, buscando eixos articuladores em planejamentos coletivos e a valorização do que era feito presencialmente para manterem os vínculos afetivos.

Diante do desconhecimento em mediar significativamente a relação crianças-mídias-tecnologias-famíliares-educação infantil, a maioria das professoras se dedicou às produções audiovisuais como possibilidade de viabilizar: contação de histórias; teatros; poemas; fantoches/palitoques; propostas de brincadeiras; incentivo a cantar, dançar, desenhar, pintar; fazer atividades físicas e cotidianas na companhia de suas famílias em casa; propostas de observação do entorno, plantar sementes de flores, temperos e hortaliças; atividades culinárias; receitas de massinha e tintas naturais etc. As tentativas de videochamadas para as crianças se verem e falarem, e “rodas de conversas” on-line sobre diversos assuntos com familiares das crianças possibilitaram uma forma outra de interação neste processo difícil para todos.

Assim, os desafios das tecnologias digitais como mediadoras dos processos educativos na EI se referem não apenas às dificuldades de acesso e formação de professores e familiares, mas também à especificidade das crianças, às linguagens adequadas, à diversificação de materiais e conteúdos, aos tempos de tela e ao pouco contato com a natureza nesses tempos de pandemia: *Até um tempo atrás os professores diziam para seus alunos: não quero saber de celular na sala!, e agora falam: fique em casa e usem o celular, né? Então, para nós da educação infantil é um desafio, uma proposta inovadora. De fato estamos vivendo em tempos diferentes, então temos que fazer tudo de uma forma diferente, mas eu também corroboro com a ideia que precisamos pensar que estamos atingindo um público infantil, e que eles precisam ter acesso à informação, ao conhecimento, mas de uma forma sem se expor a este meio e a este recurso de forma exagerada. Então, nós temos que ter essa sensibilidade, esta prudência, mas também saber o que fazer, né, e estudar.*(E. M. L., RC, 2020).

Tal depoimento sintetiza diversos aspectos deste momento pandêmico, e para os educadores implica trilhar caminhos de formação-ação: ao mesmo tempo que aprendem, refletem e ensinam para seus colegas, crianças e familiares. Neste caminhar há acertos e erros, dúvidas, debates, embates, compartilhamentos, acolhidas, e produções que podem ser um “divisor de águas” para pensar a educação atual e futura, e as práticas pedagógicas com a cultura digital.

Considerações finais

Diante das narrativas das professoras da EI e do diálogo com pesquisadores, observamos que ainda falta muito para uma educação para/com/através das mídias, pois diante das exigências e experiências vividas, é possível tecer algumas reflexões provisórias: a) em nosso contexto ainda não é possível assegurar uma educação não presencial de qualidade para todos devido às desigualdades sociais; b) instituições e redes de ensino melhor equipadas e profissionais com formação é condição básica para lidar com os artefatos tecnológicos de forma mais criativa, crítica e interativa; c) é fundamental assegurar canais de comunicação abertos entre escola e famílias na co-responsabilidade da educação das crianças, apesar das

dificuldades demonstradas; d) as universidades/grupos de pesquisa próximos das redes públicas de ensino podem contribuir com a formação e educação não presencial e com estratégias para minimizar os impactos da pandemia; e) apesar da falta de formação para o uso pedagógico das mídias e das dificuldades em planejar e produzir materiais, muitos profissionais da educação avançaram em propostas de qualidade que ampliaram os repertórios culturais das crianças; f) políticas públicas de valorização dos professores e de acesso às tecnologias digitais e internet banda larga são medidas urgentes e indispensáveis para a promoção de uma educação pública de qualidade para todos.

Referências

BARBOSA, M.C.S. **Culturas escolares, culturas de infância e culturas familiares:** as socializações e a escolarização no entretecer destas culturas. *In: Educação e Sociedade*, Campinas, vol. 28, n. 100, p. 1059-1083, out. 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/es/v28n100/a2028100.pdf>. Acesso em 12 ago. 2020.

BUCKINGHAM, D. **Crescer na era das mídias eletrônicas**. São Paulo: Loyola, 2007.

CERTEAU, M. de. **A Cultura no plural**. 7ª edição. Campinas, SP: Papyrus, 2012.

FANTIN, M.; GIRARDELLO, G. Cenários de pesquisa com e sobre crianças, mídia, imagens e corporeidade. *In: Perspectiva*, Florianópolis, v. 37, n. 1, p. 100-124, jan./mar. 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/perspectiva/article/view/2175-795X.2019.e54575/pdf>. Acesso em 15 jan. 2020.

PONTES, A. N. **A educação das infâncias na sociedade midiática:** desafios para a prática docente. Tese doutorado, USP, Faculdade de educação, São Paulo, 2010.

PRETTO, N. De L.; BONILLA, M. H. S.; SENA, I. P. F. de S. (org.). **Educação em tempos de pandemia:** reflexões sobre as implicações do isolamento físico imposto pela COVID-19. Salvador: Edição do autor, 2020.

RIVOLTELLA, P. C. **Retrospectivas e tendências da pesquisa em mídia-educação no contexto internacional**. In: FANTIN, M.; RIVOLTELLA, P. C. (org.). *Cultura digital e escola: pesquisa e formação de professores*. Campinas, SP: Papyrus, 2012.

[1] Dados do levantamento “TIC domicílios 2019”, formulado pelo Cetic. Disponível em: <https://www.cetic.br/pt/pesquisa/domicilios/>. Acesso em: 01 set. 2020.